

ANA SALOMÉ



Ana Salomé (Lisboa, 1982) é o pseudónimo literário de Ana Catarina Rocha. Publicou os livros de poesia **Anáfora** (2006) e **Odes** (2008). Em 2010 concluiu Mestrado de Literatura Portuguesa com a tese **A melancólica travessia do mundo: uma leitura d' O Anjo Mudo de Al Berto**. É doutoranda em Estudos Culturais e responsável pela revista **Golpe d'asa**.

POESIA

Eu conheço a poesia pelo cheiro.
Ela pousava em cada coisa que fazias
Nas sombras da tua cama de ferro
Ela pousava e não se via.
Nas flores que ainda não te ofereciam
Ela pousava, delicada como uma menina.
Em tudo ela dormia.
Lua que brilhava de dia,
Por isso ninguém a via.

In **Anáfora**, Publicações Pena Perfeita, Julho de 2006, p. 9.

ODE DO CASTIGO

só mais uma menina entre outras
e o quadro negro onde escrever o teu nome a giz
como um erro ortográfico do coração.

castigo.
entre nós o alto muro do recreio
e a obrigação de permanecer só.

In **Odes**, Canto Escuro, Outubro de 2008, p. 81.

DIGA 33
POESIA NO TEATRO
às terças **terças-feiras** de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

6

ODE À POESIA

bela como uma fulguração
triste como a periférica luz que a cintilação acende
é entre uma coisa e outra perfeita sedução,
senta-se no seu coxim
o vestido de condessa,
a anca larga e doce a subir até umas costas de prata.
sentada diante da rotina da noite
põe o talco e o arroz roda o creme floral
e lenta muito lentamente
inclina o rosto a trança cai.
destrançam-se na treva os fios
que prendem os corações.

In **Odes**, Canto Escuro, Outubro de 2008, p. 29.

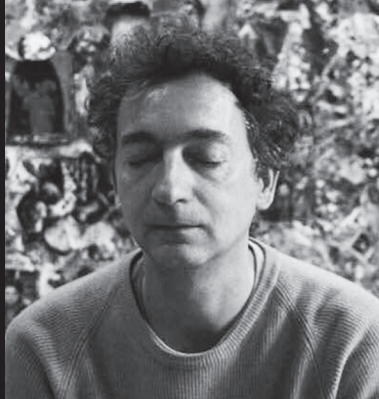
CICIO

Não, nem tudo tem de ser um ciclo fechado. Um ciclo intransponível de pensamentos e pensamentos que nunca soube pensar. Nunca fui muito lógica, nem lidei bem com os conceitos que me colocavam na boca, nas mãos, no colo ainda quente de um amor. Nunca soube dizer de cor a tabuada e só não me machucaram as mãos porque já não era tempo das reguadas na primária. Sempre fui de riso fácil. Todas aquelas ideias, datas históricas, personalidades incontornáveis me faziam sorrir. Os outros, mordiam os lápis, e pensavam. Eu sorria, apenas. E de todas as paredes brancas que à minha volta construía eu sabia dar nomes — mais redondos, menos verosímeis, mais amados. ‘porque sorris, Salomé?’ e naquele semblante de quem é mais segredo do que sonho, não dizia as respostas. Nunca as tive, nem mesmo debaixo da língua, nesse lugar morno donde se esperam beijos e palavras. Sorria um pouco mais. Até à distância do que me fazia ser indecifrável. E era assim que os outros pensavam que tinha chegado a uma ideia. Que era essa coisa intangível que me iluminava com fervor, quando, na verdade, me tornava a cada dia mais estupendamente atoleimada. Eu, que olhava para essas ideias como estrelas de um universo alheio, que me punha sentada nas pedras dos seus colos sem as questionar. Admirava-as, com as minhas maravilhosas máquinas de medição. Media-as, não para que elas coubessem em mim, mas para que eu coubesse nelas. E, fundindo-me assim nelas, era eu ou uma estrela ou uma pequena constelação de ideias que jamais soube entender.

In **Anáfora**, Publicações Pena Perfeita, Julho de 2006, p. 26.



ANTÓNIO POPPE



(Lisboa, 1968) formou-se na Ar.Co. (Centro de Arte & Comunicação Visual), realizando posteriormente intercâmbios com o Royal College of Art, em Londres, e com a School of the Art Institute of Chicago. Nesta escola obteve o grau de Mestre em Arte Performativa e Cinema. Participa frequentemente em recitais de poesia e ensina desenho e meditação. Entre os livros que publicou destacam-se **Livro da Luz** (Documenta, Dezembro de 2012) e **come coral** (Douda Correria, Maio de 2017).

redondo palpável

das flores ao mundo
do mundo às flores

é tremendo que se atravessa

a mão aprende o que compreende cria
figurinista do céu em estado de excepção
toca ao dia horas extraordinárias

translação a quente
no leito cantante

uma existência livre de vontade

In **Livro da Luz**, Documenta, Dezembro de 2012, p. 214.



do rosto respira longos negros vasos negros
emersões em borda de rios que lhe demoram
plúmbea pele sem muro mensageira negra
africana descendeu a Mulher deus alta coxa
emersões em borda de rios que lhe demoram
sol no mar de nasce em terra os olhos negros
longos negros vasos negros

In **medicin.**, Douda Correria, Maio de 2015, s/p.

E A LÍNGUA DOS ÍNDIOS YANOMAMI?

Na voz de Davi Kopenawa

Foram as imagens dos japins *ayokora* e dos pássaros *satiparisi*,
todos donos dos cantos, que arrancaram a minha língua.

Pegaram-na para refazê-la, para torná-la sábia e capaz de pro-
ferir palavras belas.

Levaram-na, lixaram-na e alisaram-na, para poder impregná-la
com suas melodias.

Os espíritos das cigarras cobriram-na com penugem branca e
desenhos de *urucum*.

Os espíritos do zangão *remoremo moxi* lamberam-na para li-
bertá-la aos poucos de suas palavras de fantasma.

E por fim, os espíritos Sábíás e Japins puseram nela as palavras
de seus magníficos cantos, deram-lhe a vibração de seu chamado

arerererererererererer

arerererererererer

foi assim que os xapiri prepararam minha língua, leve e afi-
nada, e fizeram dela uma língua de árvore de cantos — uma
verdadeira língua do espírito. Tornaram-na outra.

para a Alexandra,

dito de cor no lançamento de Deus-Dará

In **come coral**, Douda Correria, Maio de 2017, s/p.



CATARINA NUNES DE ALMEIDA



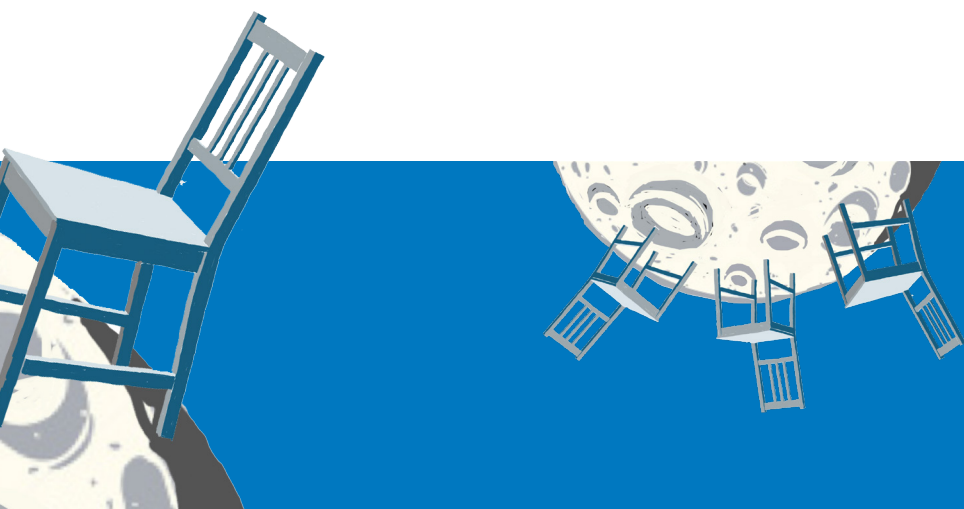
Foto: Silvestar Vrhjic

(Lisboa, 1982) concluiu doutoramento com a tese ***Migração Silenciosa – Marcas do pensamento estético do Extremo Oriente na poesia portuguesa contemporânea*** (Edições Húmus, Dezembro de 2016). Tem vários livros de poesia publicados. Estreou-se em 2006 com ***Prefloração*** (Quasi Edições, Prémio Daniel Faria e Prémio Primeira Obra do P.E.N. Clube Português). Já este ano publicou ***Livro Redondo*** (Língua Morta, Abril de 2019). É actualmente investigadora no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa.

PROMESSA

Não cabe mais ninguém nos meus poemas.
Agora serei só eu e as minhas romãs
e os mês mestres espalhados pelos arrozais.
No meu poema só os crisântemos
vestidos de crisântemos
só a sombra dos homens despidos de homens.
Os amantes que fiquem cá fora
nesta casa sem tecto na lama
deste meu corpo.

In ***Prefloração***, Quasi Edições, Maio de 2006, p. 60.



homo homini sacra res.

há que saber que o homem é o poema do homem.

há que mascarar o anjo de pintor rupestre
e repetir o homem o homem o homem em todos os murais
há que plantar uma horta por cima dos textos proféticos
há que dar ouvidos aos passarinhos enquanto se tempera
[a salada
há que lamber os dedos da cria antes que ela escreva uma
[única palavra.

In **Marsupial**, Mariposa Azul, Junho de 2014, p. 32.

A noite carrega o seu dia feliz
desço a pique pelos campos semânticos duma casa
[incalculável
estou bastante sentada
nenhum movimento penetra ou transfigura o tempo
só a mancha solar tombando sobre a toalha limpa
e os vultos que lá longe atravessam os viadutos.
É por dentro que os atravesso
disciplinada como um cadáver
parto em busca de vida inteligente
do índio no caracol das suas preces
e abrem-se os olhos do entendimento mais escorreito
chega a interessar-me a mineralidade da água mineral
o gosto pela observância do céu também atinge
a jovem licenciada da subcave.

Tem sido um Inverno seco, asseguram os jornais.
Tenho tudo lavado e enxugado
mas nunca fiando.
Pois sim, venha o bom deus
venha o príncipe galopante
aqui me têm
deleitosa e sensível
com três molas de roupa na mão.

In **Livro Redondo**, Língua Morta, Abril de 2019, p. 37.

Os gatos passeiam no pomar.
Vêm-nos cobertas de orvalho
e não sabem qual de nós a mais grávida —
se sou eu, se é a árvore.

In **A Metamorfose das Plantas dos Pés**, Deriva, Maio de 2008, p. 29.

Próxima sessão:

**16
JUL**

**MARGARIDA VALE DE GATO
PEDRO EIRAS
DANIEL JONAS**

